

O material e o imaterial no encontro individual no monumento: a Porta do Não Retorno na dimensão memorial do tráfico de escravos em Uidá (Benim)

Gbègnidaho Achille Zohoun

Introdução

Demorou muito tempo para que a sanguessuga empurrasse a medicina para ver, além de sua feiúra e repugnância, o seu papel na terapia de doenças vasculares. Também levou tempo para que a atenção, ao se referir ao tráfico de escravos, se concentrasse não apenas na ruptura que causou, mas também no enriquecimento cultural do mundo resultante desta tragédia global. Assim, desde o tráfico de escravos do Daomé até o Benim, passando por todos os territórios deste tráfico, começamos agora a distinguir nos jardins escuros da memória, lugares para um diálogo intercultural. As obras de arte estabelecem vínculos entre continentes que tiveram papéis divergentes no tráfico de pessoas. Este artigo deixa as portas entreabertas para reinterpretação e materialização da memória no campo político e patrimonial.

Minhas perguntas básicas a respeito dos monumentos deste passado doloroso são as seguintes:

- Como pode um monumento público encarnar permanentemente a memória traumática, enquanto o momento em que a dor é vivida está distante das circunstâncias contemporâneas dos descendentes das vítimas?
- Pode um memorial permanecer um símbolo da história nacional sem nostalgia excessiva e sem anestesiar a consciência coletiva?
- Finalmente, como um artista, que é beneficiário de uma encomenda pública, pode combinar sua estética e seu interesse particular com a memória coletiva?

Com base nestas questões, discutirei, por um lado, a percepção-recepção dos monumentos memoriais pela população beninense e, por outro, seu papel nas relações internacionais.

Os monumentos memoriais do tráfico de escravos e a globalização das representações artísticas

Existe hoje um país sem um memorial ou lugar de lembrança? A resposta é, certamente, não! De onde vem esta tradição de homenagear uma ou mais pessoas falecidas com um memorial, ou comemorar um evento com um cenário monumental? Não há

dúvida de que na África os megálitos como os encontrados no Egito, Etiópia, Senegal e muitas outras culturas já estavam materializando a memória dos acontecimentos e das pessoas. No Daomé pré-colonial, o altar portátil comumente chamado na língua fongbé do Benim *ASEN*, geralmente feito de liga de cobre, ferro e madeira, representava a memória de uma pessoa falecida, celebrado com libações aos pés deste objeto simbólico que materializava o nome forte do falecido(a).¹ O *asen* - às vezes *assen hotagantin* - faz a ligação através do espírito do(a) falecido(a), entre o mundo dos vivos e o dos antepassados. Esse objeto se destina a perpetuar a memória dos mortos, e o espaço que o abriga é sagrado e exclusivamente reservado à meditação.



Il. 1: *Asen hotagantin*, Reino de Daomé, século XIX, Benim © Patrick Gries

Hoje, os memoriais são o produto da política de estados que investem em criações artísticas ou eventos que criam um vínculo com os lugares e memórias que eles encarnam. Monumentos dedicados ao tráfico de escravos, nesta perspectiva, formam marcos no ato memorial das nações. Dependendo dos locais onde

¹ Nome tomado por um governante do Daomé que acedeu ao trono. Diferente de seu nome original (sobrenome e nome próprio), este nome traz uma mensagem de ação ou de governança. De agora em diante, o rei só será chamado por este nome, que é como um encantamento.

são erguidos, esses monumentos às vezes adquirem uma dimensão internacional. Citemos alguns exemplos: o Arco do Retorno em Nova York;² o Memorial da Abolição da Escravatura de Nantes na França;³ o Memorial do Cabo 110, Martinica;⁴ o Monumento da Família Afro Americana em Savannah, Geórgia, Estados Unidos;⁵ Os Maroons da Liberdade em Rémire-Montjoly, Guiana;⁶ o Memorial da Escravidão na Cidade do Cabo, África do Sul;⁷ o monumento em homenagem aos escravos revoltados de 1811, em St Leu, Ilha Reunião;⁸ os Porões dos Escravos Shimoni no Quênia;⁹ o Porão em Rotterdam, Holanda;¹⁰ o Memorial da Escravidão de Stone Town, Zanzibar, Tanzânia;¹¹ o Memorial ACTe, Guadalupe;¹² o Museu Nacional da História e Cultura Afro-Americana em Washington, D.C.;¹³ e a Porta do Não Retorno em Uidá, Benim. Esses monumentos materializam a consciência comum e social de uma história de sofrimento. Eles são o símbolo público e político da partilha desta dolorosa herança entre os descendentes das vítimas e os aproveitadores da escravidão.

Mas a captura do sofrimento na morte não é um exercício fugaz? O que podemos dizer sobre os resultados dessas exposições na sociedade contemporânea? Devemos nos perguntar se o contexto e o espaço histórico, arquitetônico, artístico e científico de um memorial estão sempre alinhados com a sociedade, e se o imaginário do tráfico de escravos transmitido pelo memorial é capaz de prevenir ou curar os germes e as sequelas do racismo, produto do tráfico de escravos. A monumentalização da memória do tráfico de escravos não põe realmente um fim a esta tragédia: apesar da notoriedade destes monumentos, a escravidão dos tempos modernos ainda existe. O legado inconsciente do tráfico ameaça a coesão social, não apenas na região do Atlântico Negro, mas também na sociedade beninense,

- 2 Obra de Rodney Léon, arquiteto americano de origem haitiana, que foi selecionada entre 310 propostas de candidatos em mais de 83 países. Este memorial da abolição da escravatura foi inaugurado em março de 2015.
- 3 Inaugurado em março de 2012. É um dos mais importantes lugares de memória da escravidão na Europa, com seus 7.000 m² de extensão ao longo das margens do Loire, na escala do papel da cidade no comércio de escravos.
- 4 Essas 15 estátuas foram construídas em 1998, na cidade de Diamant. Feitas de concreto, têm 2,5 metros de altura cada um, pesam 4 toneladas e estão voltadas para o Golfo da Guiné. Foi neste local que um dos últimos navios negreiros encalhou durante uma tempestade.
- 5 Essa estátua, simbolizando a abolição da escravatura, foi erguida em 2002. O monumento representa uma família negra moderna que quebrou suas correntes.
- 6 Esse monumento em comemoração à abolição da escravatura foi inaugurado em 2008. Ele representa um homem quebrando suas correntes e uma mulher libertando um pássaro. A Guiana comemora a abolição da escravidão em 10 de junho.
- 7 Esse memorial da escravidão está localizado na Praça da Igreja. Aqui é onde os escravos esperavam por seus senhores até depois da missa. O monumento consiste em 11 blocos de granito colocados em frente a um prédio que abriga uma exposição permanente sobre a história e a abolição da escravatura. Alguns dos blocos levam os nomes de alguns dos escravos vendidos na praça.
- 8 Inaugurado em novembro de 2011, o monumento presta homenagem aos escravos da revolução de Saint-Leu de 1811. As cabeças dos escravos condenados à morte após a rebelião podem ser vistas ali, assim como uma lista dos nomes dos que participaram da revolta. A data para a comemoração da abolição da escravatura na Ilha Reunião é 20 de dezembro.
- 9 No século XVIII, Shimoni foi um dos primeiros portos para o comércio de escravos africanos para o Oriente Médio. Os porões de escravos de Shimoni se estendem por mais de 5 quilômetros.
- 10 Esse monumento à abolição da escravatura nas antigas colônias holandesas foi revelado ao público em 2013 em Roterdã, um antigo porto de escravos. Tem mais de 9 metros de altura e 5 metros de comprimento e é encimado por 4 estátuas.
- 11 A cidade de Stone Town, um Patrimônio Mundial da UNESCO, foi o maior mercado de escravos em Zanzibar, um importante porto para o comércio de escravos africanos para o Oriente Médio. O antigo mercado foi substituído por uma catedral, um museu sobre a história e a abolição da escravidão e um monumento representando cinco escravos acorrentados uns aos outros.
- 12 O Memorial ACTe ou "Centro Caribenho de Expressões e Memória do Comércio de Escravos e da Escravatura" é certamente um dos mais impressionantes do mundo, dedicado a este período da história. Inaugurado em 2015, tem 7.800 m² para a exposição da história do tráfico de escravos e da abolição da escravatura. Recebeu mais de 110.000 visitantes no primeiro ano de sua abertura ao público.
- 13 Construído no local de um antigo mercado de escravos, tem quase 40.000 m² em 6 andares. Inaugurado em setembro de 2016, é o maior museu dos Estados Unidos dedicado à história afro-americana. O monumento mobilizou um orçamento de US\$ 540 milhões, 50% deste pelo governo federal. A outra metade vem de doações particulares como Oprah Winfrey ou ainda Bill Gates.

onde as famílias do sul ao norte ainda continuam a se opor aos casamentos entre diferentes linhagens, devido às posições de participação no tráfico de escravos por parte dos avós dos noivos.



Il. 2: A Porta do Não Retorno em Uidá, Benim.

Para entender o impacto do memorial na vida cotidiana, é importante analisar o funcionamento do memorial - obra de arte, reflexo material da memória - mas também da própria memória, ou seja, o papel do cérebro.

O imaginário criativo e a realidade imaterial da memória: o cérebro

Desde sua abolição, o tráfico de escravos passou da dimensão material para a imaterial, ou seja, a memória. Somente a arte ainda permite que ela seja "reencenada". Na medida em que é suposto tornar visível uma entidade invisível - o passado, mas também o retorno dos ancestrais - a Porta do Não Retorno possui assim uma dimensão imaterial que transcende sua percepção física.

Como a arte pode extrair o drama da memória, reproduzir-lhe o choque e aprender com ele? A neurociência nos esclarece os princípios e mecanismos de reprodução, difusão, conservação e transmissão de memórias através da obra de arte e do monumento. De acordo com o Dr. Gbètoho Fortuné Gankpe do *Laboratoire d'Études et de Recherche-Action en Santé* do Benim, a emoção depende de mecanismos humorais e nervosos que são essenciais para a ativação de um conjunto de redes neuronais (Gankpe 2021). Segundo ele, trata-se de um circuito neural do qual o sistema límbico é o suporte morfológico e anatômico. O processo de formação e consolidação das emoções envolve as estruturas cerebrais que compõem o chamado circuito Papez. Quando a lembrança chega a faltar em nossa memória, somos incapazes de sentir ou de captar o tempo e o espaço. Em outras palavras,

a lembrança (o que podemos lembrar) condiciona nossa consciência do tempo e do espaço. Assim, a consciência da lembrança estrutura as emoções. Sem este mecanismo, experimenta-se apenas emoções vagas sem poder diferenciá-las em efeitos positivos e negativos.

Os mecanismos para produzir emoção e memória utilizam praticamente os mesmos circuitos neurais. Na verdade, nosso cérebro é uma máquina com um sistema de codificação que nos permite representar o mundo, percebê-lo, construir memórias e formar sonhos (projetos). O que a arte faz em todas as suas formas é inibir ou ativar essas redes neurais através dos sentidos: olfato, visão, incluindo a participação de diferentes cores e formas, e audição. A obra põe em movimento as faculdades cerebrais inatas da razão e da emoção, que nos permitem analisar, compreender e sentir os estados emocionais dos outros. Em seguida, os substratos neurais da memória no cérebro participam na consolidação dessas lembranças.

Com base nos mecanismos que permitem a reprodução da emoção, como os suportes artísticos e arquitetônicos podem fornecer, traduzir, transferir e manter emoções e eventos dolorosos? O memorial ou monumento é capaz de desencadear a produção da memória e da emoção que o acompanha? Se nossa capacidade de sentir as expressões emocionais e afetivas dos outros é um fator determinante em nossas interações sociais e nossa arte de viver, como podemos consolar ou acalmar um descendente de escravos diante de um memorial que o lembre de seus ancestrais, se não somos capazes de detectar nele a frustração ou o choque, o desejo, a desconfiança, o orgulho, a satisfação, a raiva? Na sociedade beninense, a memória familiar do tráfico de escravos ainda está viva e às vezes estrutura as relações sociais entre descendentes de escravos e comerciantes até os dias de hoje.

Emoção e razão são os dois componentes da reflexão provocada pela representação artística do conhecimento e da memória materializada na forma do monumento memorial. Em todos os casos, a obra quer ser percebida com a racionalidade de seu potencial criativo, mas também com toda sua carga emocional. Jacques Cosnier assinala que, desde Platão, que considerava as emoções como perturbadoras da razão, até Kant, para quem eram doenças da alma, até Darwin, para quem faziam parte dos preciosos comportamentos adaptativos e evolutivos da espécie, até Sartre, para quem eram "um modo de existência da consciência", e muitos outros, o campo das emoções se apresenta cacofônico na filosofia como nas representações populares" (Cosnier 2015). Como é que o criador de um memorial consegue alinhar razão e emoção?

Se, como afirmam alguns psicólogos como Frijda (1986: 4), os fenômenos emocionais são "comportamentos não operatoricamente finalizados", é razoável colocar pessoas sensíveis em estado de agitação supostamente para curá-las? Sabemos o papel que a exposição a um evento e as emoções ligadas a esse evento desempenham no processo de cura. Reviver um evento traumático permite que o indivíduo se desprenda dele. A terapia cognitiva e comportamental (TCC), que surgiu nos anos 50, não procurou curar uma patologia, mas ajudar a tomar decisões importantes e, em particular, colocar em perspectiva uma lembrança dolorosa, experimentada pessoalmente ou não. A "exposição" aqui se refere à persistência de trazer à tona o que assusta, ou seja, uma exposição permanente aos estímulos ansiogênicos. Este é, sem dúvida, o coração do processo artístico. De fato, seme-

lhante ao fato médico, o memorial está constantemente sob o olhar do público. De forma simbólica, ele destaca o choque ou trauma coletivo, ao mesmo tempo em que o reinterpreta. Através de introspecção ou extrapolação, cada visitante do memorial vive através da obra seus próprios sentimentos sobre o outro que experimentou a situação dramática. A objetivação realizada pela obra é confrontada com a subjetividade de cada visitante.

A construção moderna do monumento memorial faz dialogar, por um lado, o choque e, por outro, o simbólico, transcendendo o espaço físico e mental. Na transição da projeção para a mostração, e da projeção da memória para o futuro, ou seja, sua transmissão como um legado, o cursor passa da objetividade para a subjetividade. Normalmente, na consciência coletiva, o monumento é identificado como a materialização de uma memória. Quando o governo quis mudar o nome da Praça dos Mártires¹⁴ no Benim para "Praça da Lembrança", o projeto causou um alvoroço na sociedade. A rejeição do novo nome se refere ao mecanismo de defesa afetiva contra a ativação dos circuitos neurais que estão na base da memória e das emoções face a uma lembrança dolorosa. O monumento é uma espécie de cena dramática na qual ações repetitivas e transformadoras participam da memorização e da recordação em circunstâncias semelhantes aos fatos. A faculdade de empatia leva o indivíduo a se sentir investido do papel de protetor da memória e de transmiti-la à próxima geração, de onde a imagem ou ideia do monumento resiste ao tempo. Ele reforça a ideia de herança ao compartilhar memória e emoções através da matéria plástica.

No entanto, a materialização de um monumento representando as atrocidades cometidas por um conquistador acentua e perpetua a memória do sadismo deste último, enquanto, ao contrário, o retrato das vítimas como heróis modifica o significado a ser dado à transmissão da memória. Em ambos os casos, é uma questão da memória do tráfico de escravos ou de outros fatos.

Embora tenhamos a dor como herança comum por causa de nossa herança humana universalmente compartilhada, o fator racial é às vezes invocado para argumentar que os indivíduos teriam percepções diferentes do passado. De um ponto de vista neurobiológico, não há um padrão universal de expressão das emoções. De fato, as emoções se ajustam às circunstâncias e dependem de experiências pessoais. Mas o grau de empatia que um indivíduo tem por outra pessoa também depende de seu ambiente cultural. É por isso que as construções da memória variam de cultura para cultura. A fixação do fato histórico no monumento evacua um fato fundamental: mesmo aqueles que passaram pelos mesmos eventos traumáticos nunca guardam a mesma lembrança deles. Daí a complexidade da monumentalização estética da memória da escravidão. Por outro lado, podemos ter confiança na capacidade da obra de arte de solicitar os neurônios espelhos para transformar uma experiência em um legado. Esses são ativados quando um indivíduo é observado realizando um gesto e facilitando sua reprodução. Esse é um dos processos neurobiológicos importantes para a aprendizagem, mas também para a

14 A *Place des Martyrs* é uma praça triangular de 250mx100m (superfície: 12500m²) levantado por um edifício com uma base de 82mx15m, ostentando um monumento cuja estátua simbólica, de 15m de altura, fica no coração de Cotonou, no bairro de Haie Vive. Este monumento é em homenagem aos sete beninenses que pereceram durante o ataque dos mercenários liderados pelo francês Bob Denard, em 16 de janeiro de 1977. Esta praça foi inaugurada em 16 de janeiro de 1979 sob o regime revolucionário marxista-leninista.

capacidade de empatia. Entretanto, a pesquisa ainda não demonstrou seu modo de envolvimento na formação de uma memória. Enquanto isso, como os estados conseguem abordar a memória na arte dos monumentos?

O estado, a construção da lembrança através de monumentos e a percepção da Porta do Não Retorno

De acordo com várias fontes históricas, a Porta do Não Retorno marcou o ponto de partida dos escravos, ou seja, o ponto de ruptura ou de desenraizamento cultural e religioso. O monumento atual torna visível a lembrança, imaterial, de uma realidade histórica que se tornou invisível. Neste sentido, ele também marca o retorno das almas deportadas. A crença popular africana, particularmente a beninense, dedica grande respeito e um culto às almas dos falecidos. As almas dos escravos que morreram na deportação deveriam assim retornar às suas origens através da viagem para o além, a fim de se reconectarem com a terra de seus antepassados. Presume-se que uma porta invisível, imaterial e imaginária - através da qual o retorno dos espíritos é realizado, respeitado mas também temido - é o lugar onde os espíritos dos escravos, às vezes zangados com a terra de seus antepassados, são canalizados para lugares onde encontrarão a paz. A Porta da Não Retorno é a expressão física disso; ela é oferecida como um altar de reconciliação. Esta dimensão da memória coletiva não tinha materialidade física até sua concepção plástica, em 1995.

A fim de compreender a realidade imaterial do retorno dos ancestrais, o projeto da Porta do Não Retorno foi lançado à margem do *Ouidah 92*, um festival de artes, culturas e civilizações vudu, celebrado em 1993 no Benim. No final desta comemoração, o Estado beninense confiou sua concepção a Fortuné Bandeira, um beninense agudá,¹⁵ e ao arquiteto Yves Ahouangnimon para sua realização, sob a direção administrativa do Ministro Désiré Vieyra e do Sr. Noureini Tidjani-Serpos. Dominique Gnonnou, conhecido como "Kouass", e Yves Kpede executaram as esculturas e pinturas. Em 1995, a Porta foi inaugurada pela UNESCO. Em uma grande plataforma, o monumento abriga um arco colocado em dois grandes postes, como um arco do triunfo. É decorado com baixos-relevos representando escravos com suas mãos acorrentadas atrás das costas, caminhando em fila indiana em direção aos navios negreiros. O monumento, pintado principalmente em ocre e branco, comemora a dispersão da cultura africana e ao mesmo tempo celebra o retorno à terra dos antepassados representados por duas estátuas de *Egun-Egun*,¹⁶ comumente chamados de "retornados", que encarnam os espíritos dos mortos. Nesse sentido, o memorial também evoca a sabedoria e a paz recuperada.

A percepção-recepção deste monumento, que materializa o limiar que sela o destino de milhares de pessoas, é fundamental. Mas como pode o Estado de hoje, que reúne antigos reinos rivais que foram submetidos ao tráfico de escla-

15 Aguda: população descendente de escravos luso-brasileiros que retornou ao Benim, Togo e Nigéria.

16 *Egun-Egun* materializa o espírito dos mortos; é um mensageiro que marca a estreita ligação entre o espírito dos mortos e o dos vivos.

vos, pensar que a ereção de um monumento memorial é capaz de conciliar a esfera íntima das sociedades, que são chamadas a ser nações, e esse mundo exterior, formado por descendentes de escravos e descendentes de senhores de escravos, a fim de obter aceitação política deste monumento como um instrumento de consciência que tanto faz lembrar como acalma?

O monumento é sem dúvida o mais notável na Rota dos Escravos¹⁷ e ocupa um lugar significativo entre os lugares mais importantes de comemoração do tráfico de escravos (Nol 2017). Esse posicionamento, no entanto, não o torna imune a controvérsias. Desde o início, surgiu a questão do estilo, com alguns achando a abstração mais apropriada para um monumento contemporâneo. De fato, de acordo com a população local, a lacuna entre o objeto final e a realidade invisível corre o risco de dificultar o processo memorial, e pode-se perguntar até que ponto a linguagem formal do monumento permitirá às gerações futuras, confrontadas com os caprichos da história que alteram a relação com o espaço e os lugares, acessar a memória da escravidão. Para alguns, este monumento é um elemento de orgulho, para outros, é a expressão do fracasso africano e o símbolo da dominação europeia. O interesse e o dinamismo desta representação para os povos e para as autoridades é inegável. Lembremos que o monumento acentua e perpetua a memória da crueldade dos conquistadores e que, inversamente, a encenação das vítimas como heróis modifica o significado da transmissão. Os mesmos fatos produzem memórias diferentes. Apesar do que foi dito a favor do memorial, é questionável se o projeto foi objeto suficientemente de consultas e concorrências.

Em 15 de janeiro de 2013 um trator Bulldozer destruiu a obra *Os Homens de Pé*,¹⁸ do artista sul-africano Bruce Clarke. Foi criado durante uma residência artística financiada pela Fundação Zinsou e instalado - com permissão municipal - nas proximidades da Porta. A destruição ordenada pelo Ministério da Cultura enviou um sinal nem sempre apreciado. Diante dos protestos de artistas e escritores, os porta-vozes das instituições estatais se justificaram. Richard Sogan, Diretor de Patrimônio Cultural, declarou que "a obra está localizada dentro do perímetro de um monumento que é um componente do bem cultural *Rota do Escravo*, que o Benim se prepara para inscrever na Lista do Patrimônio Mundial, e ela está instalada na rota ritual dos templos Agbé e Dan da comunidade Daagbo Hounnon" (Nicolas 2013). Entretanto, este monumento, perturbado pela proximidade da obra de Clark, não era um monumento patrimonial na época; e a rota dos escravos, invocada por Sogan, também não estava listada como patrimônio. O episódio mostra que a arte se tornou uma questão política nas urnas. À primeira vista, esse conflito levantou a questão dos valores (valores memoriais, valores estéticos, valores de usos e valores políticos) mobilizados pela Porta do Não Retorno e manifestados em sua recepção. Mas isso desencadeou um certo dinamismo, revelando os interesses de preservação do patrimônio diante dos aspectos turísticos que o local representa, visto que é o ponto alto da rota dos escravos em Uidá.

17 A Rota dos Escravos, com 4 km de extensão, era a rota entre o forte e os navios escravos. Inclui a Praça dos Leilões, a Árvore do Esquecimento, a Cabana Zomāi, o Memorial de Zoungbodji e a Árvore do Retorno.

18 *Les Hommes Debout* - Obra monumental bidimensional.



Il. 3: Ato de vandalismo. Photo Gbègnidaho Achille Zohoun

Enquanto isso, o lugar que supostamente comemora a memória dos escravos tem sido, há algum tempo, um lugar para celebrações populares e eventos artísticos e culturais. O monumento, apesar dos esforços para preservá-lo, está sendo desviado de seu significado original e levanta o problema da recepção de um símbolo memorial construído.

Jauss (1998) mostra que a leitura de obras culturais não pode ser objetiva. Os receptores têm uma visão subjetiva sobre elas. Isto também é verdade para o monumento memorial: sua recepção se realiza abaixo das questões político-administrativas. Como esta dimensão não é insignificante, não deveríamos questionar a adequação do objeto monumental à história do presente e do futuro, e nos perguntarmos sobre a escolha e recepção deste monumento? De fato, a compreensão da obra deve ir além da leitura das formas ou dos objetos-símbolos do tráfico de escravos. O debate é também sobre a manutenção do valor conferido a este espaço de memória do tráfico e dos fatos históricos que a tornaram possível. Não é preciso olhar para longe para se convencer. No site TRIPADVISOR (2018) é possível ler os seguintes depoimentos:

1- Um lugar cheio de memória... e que está se deteriorando ano após ano. Já estivemos lá muitas vezes e lamentamos, ano após ano, pela degradação do lugar. Algo deve ser feito para que este magnífico monumento não esteja no mesmo estado de ruína que a maioria dos locais históricos do Benim.

2- [...] a Porta do Não Retorno [...] não representa nenhum interesse em si mesma, mas as histórias contadas pelo ... [guia turístico, que vos transmitem a emoção].

3- Impossível não ir lá. Daqui partiram dezenas, ou centenas de milhares de escravos. O lugar é, portanto, inevitável, mesmo que o monumento ali erguido careça de manutenção, o lugar seja bastante sujo e os guias, dizem ser obrigatórios, pegajosos.



Il. 4: Recuperação social do monumento: Venda ambulante aos pés do Portão do Não Retorno.
Photo Gbègnidaho Achille Zohoun

Minha leitura do monumento não pode ignorar a trilogia formulada por Jauss, teórico da recepção: Produção-Comunicação-Recepção. Primeiramente, para ser suficientemente representativo do pensamento coletivo, o monumento deveria ter sido objeto de uma licitação aberta a todos os artistas e arquitetos. Em matéria de concurso público, uma produção de qualidade é o resultado de diferentes propostas sustentadas e defendidas. Em segundo lugar, é importante enfatizar o papel fundamental que a comunicação desempenha na recepção da obra. Por recepção compreendemos a percepção do monumento como um "pensamento memorial". Esta última é a síntese entre as observações e sensações geradas pelo memorial e o discurso ao qual estas dão lugar. O horizonte de expectativa do observador descrito por Jauss, composto tanto de experiências anteriores quanto de informações recebidas de antemão, informa sua abordagem da obra. Oferecer ao público as chaves de leitura reforça, assim, a receptividade em relação à dimensão histórica do lugar e da obra.

No diálogo com a memória, o observador que invoca a filosofia e a história, particularmente a história materializada na obra, será capaz de abordar as

questões da memória e da pós-memória. Segundo a teoria pós-memorial, a questão não é mais o passado, mas o presente. Há um grande perigo de ser uma ruptura com a memória de experiências não vividas. Nesta perspectiva, a Porta do Não Retorno é ainda hoje um dos bens da capital cultural de Uidá? Ela continua e continuará a participar ativamente da construção e estruturação da memória e da pós-memória, como observado por Pierre Nora¹⁹ e Marianne Hirsch (2014)? Somente uma análise das atuais questões políticas, culturais, artísticas, memoriais e turísticas nos permitirá responder a esta pergunta. Com Charles TCHOBA²⁰ diremos que a materialidade desta praça e do monumento ali instalado responde a outras questões de política cultural. Após as sucessivas renovações do poder político, o prestígio memorial ligado ao monumento se redesenha com o novo projeto da Marina. De fato, desde 2016, um vasto programa de promoção turística em todo o Benim oferece novas perspectivas para o turismo memorial. A valorização da cidade histórica de Uidá toma nova vida e forma através de importantes projetos de desenvolvimento, incluindo o complexo hoteleiro da Marina perto da Porta do Não Retorno, em Djègbadji, Uidá. Estima-se que através da realização dessa infraestrutura, o desenvolvimento da oferta turística do Benim em geral e da cidade de Uidá, em particular, vai aumentar. Assim, ao redor do monumento emblemático da Porta do Não Retorno, um complexo será tecido, incluindo uma arena vudu para a festa de religiões endógenas e várias manifestações culturais; "jardins da lembrança", um jardim de recolhimento e a reconstrução histórica de um navio negreiro; estes espaços memoriais serão associados a dois estacionamentos com mais de 350 lugares; uma esplanada turística com restaurantes, bares e locais de entretenimento; uma zona hoteleira com cerca de 130 quartos; uma vila artesanal, Zomachi, o anexo do escritório de turismo e um passeio flutuante na lagoa.



Fig. 5: Captura de tela do vídeo de apresentação do projeto da Marina / URL: <https://youtu.be/wozQKSPJl8s>

19 Como assinala Pierre Nora, (1984, 1987, 1992), esses lugares servem para sustentar a memória e para participar ativamente de sua construção e estruturação.

20 O lugar tem uma materialidade que o próprio ser humano produz. É por isso que ele escapa tanto ao local quanto ao global (Tchoba 2005: 46).



Fig. 6: Captura de tela do vídeo de apresentação do projeto da Marina / URL: <https://youtu.be/wozQKSPJ8s>

É questionável se essas infraestruturas planejadas para o turismo de massa realmente aumentam a atenção dada ao monumento. Essa revalorização coloca a reflexão sobre as questões patrimoniais, turísticas, culturais e sociais do monumento e suas ligações com a memória local. Sua implementação tornará possível guardar no passado o triste episódio das visitas inusitadas e indesejáveis de vendedores ambulantes a este lugar de memória, e desencorajará atos de vandalismo, como a demolição de peças escultóricas que fazem parte do monumento. A integração do monumento, na reestruturação do turismo memorial²¹ em torno da rota dos escravos planejada pelo Estado, toma forma como elemento essencial do urbanismo africano e enfatiza o papel dos monumentos na transmissão da memória dos povos.

Conclusão

É de fato possível tornar a memória traumática de um evento ou lugar emocionalmente presente através de um monumento. A arte conseguiria superar a distância crescente entre a memória e o efeito induzido pelo tempo que passa. Contudo, o Estado pode assegurar que um monumento memorial carregue a tocha da história, integrando, em uma reflexão proativa, as diferentes percepções-recepções do pensamento criativo da obra, que deverá excluir as veleidades propagandísticas de todos os lados. Finalmente, os artistas criativos devem se concentrar na obra e em seu simbolismo. As chamadas à concorrência devem ter como critério fundamental o rigor conceitual dos projetos apresentados, assim como o acabamento e a manutenção desse patrimônio do futuro.

Naturalmente, a linguagem formal dos lugares de memória pode ser controversa. Mas o espírito dessas criações permanece fortemente correlacionado com a história e os lugares dos dramas. Os monumentos do tráfico de escravos não são uma exceção a esta regra. Poder-se-ia dizer e afirmar que os monumentos reencarnam o espírito dos lugares cuja memória garantem. A Porta do Não Retorno, embora seja uma obra contemporânea, tem um espírito investido de valores humanos e

²¹ O programa do governo prevê US\$ 523 milhões (459 milhões de euros) para o desenvolvimento do turismo em Uidá.

materiais. Ela merece atenção na medida em que dá vida aos arquivos e à história. As cicatrizes permanecem, mesmo que não haja mais dor. A ferida pode ser claramente identificada, e os monumentos representam as cicatrizes que nos reconectam com a memória, nossas memórias. Para além da dor, o monumento memorial também nos chama para um caminho de vida.

Referências

- Bhêly-Quenum, O., "Les Hommes debout, dans Notre mémoire", 2013. <https://babilown.com/2013/02/03/les-hommes-debout-terre/> (accessed 2/5/2016).
- Chalier, J. et Stange, V. E., "Sommes-nous hantés par la mémoire de nos ancêtres?" *Revue Esprit* 2018. https://www.youtube.com/watch?v=Cvs_P-yeSxQ (acesso 25 de Abril 2022).
- Cosnier, J., *Psychologie des émotions et des sentiments*. Paris : Retz, 1994. Edição digital http://www.icar.cnrs.fr/pageperso/jcosnier/articles/Emotions_et_sentiments.pdf (acesso 1 de Fevereiro 2020).
- de Groof, M., "Les statues meurent aussi (Chris Marker et Alain Resnais, 1953) – mais leur mort n'est pas le dernier mot", *Cinéma ethnographique* n° 40–42, 2019. <https://journals.openedition.org/decadrages/1423> (acesso 21 de Fevereiro 2022).
- Debray, R., "La confusion des monuments. Trace, forme ou message", *Cahiers de médiologie* n° 7, 1999.
- Frijda, N. H., *The Emotions: Studies in Emotion and Social Interaction*. New York: Cambridge University Press, 1986.
- Gankpe, G. F., Laboratoire d'Étude et de Recherche-Action en Santé du Bénin. Entretien par correspondance, 12 Décembre 2021.
- Hirsch, M., " Postmémoire", *Témoigner. Entre histoire et mémoire*, n° 118, 2014. <https://doi.org/10.4000/temoigner.1274> (acesso 25 de Abril 2022).
- Jauss, H.R., *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1998.
- Melot, M., "La confusion des monuments. Le monument à l'épreuve du patrimoine", *Cahiers de médiologie* n° 7, 1999.
- Nicolas, M., " Bénin : à Ouidah, la femme debout est à terre ", *Jeune Afrique*, 24/1/2013. <https://www.jeuneafrique.com/138590/culture/b-nin-ouidah-la-femme-debout-est-terre/> (acesso 2 de Maio 2016).
- Nol, D. (s. d.). "Commémoration de l'abolition de l'esclavage : 16 lieux à découvrir", <https://caribexpat.com/commemoration-abolition-de-lesclavage-16-lieux-a-decouvrir-dans-le-monde/> (acesso 10 de Outubro 2017).
- Nora, P. (dir.), *Les lieux de mémoire, Tome 1*. Paris: Gallimard, 1984.
- Tchoba, Charles, *Culture, développement durable et démocratie participative : l'exemple des ONG environnementales gabonaises*. Pau : PhD geography and space planning, Université de Pau et des Pays de l'Adour, 2005.
- Tripadvisor, "La Porte du Non-Retour", https://www.tripadvisor.fr/Attraction_Review-g479758-d4776402-Reviews-or10-La_Porte_Du_Non_Retour-Ouidah_Atlantique_Department.html (acesso 3 de Março 2018).
- Turgeon, L., "16ème Assemblée générale et symposium scientifique de l'ICOMOS, Québec, 29 septembre au 04 octobre". Paris: UNESCO, *La route de l'esclave, bulletin d'information*, n° 1, 2000.